

Comunicado

Estimadas irmãs!

Ir. Neusa de Fátima Mariano, Superiora Geral, Ir. Alda Monica Malvessi, Superiora Provincial e Irmãs da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, Leigos/as Scalabrinianas, Funcionários/as, Amigos/as e Benfeitores/as, Saudações!

Neste início de maio do ano de 2024, a Região Metropolitana de Porto Alegre e mais de 85 por cento dos municípios do estado do Rio Grande do Sul, foram duramente afetados por uma inesperada enchente, como não vista, desde o ano de 1941.

Nós irmãs, que atuamos junto ao Hospital Mãe de Deus, não acreditávamos que a água aumentasse tanto a ponto de invadir todo o subsolo do hospital, aliás já atingido em outros anos pela invasão da água, mas nunca nesta proporção. Em outras ocasiões a água castigou muito, sim, mas, em algumas horas já estava escoada, era feita a limpeza e os serviços retomados. Não raras vezes, ocasionou significativas perdas materiais, como por exemplo a do auditório, que comporta mais de 300 pessoas.

Desde sábado, dia 04 de maio, na madrugada, a água aumentou assustadoramente. As irmãs e lideranças que atuam no hospital começaram a se reunir imediatamente somando esforços e pensando estratégias para a retirada dos quase 300 pacientes internados, familiares, funcionários, além da tentativa de salvar material, medicamentos, documentos e equipamentos. Foi solicitado ao exército local caminhões e outros veículos que enfrentassem o volume de água que se acumulava na frente e em todos os lados do hospital. No início havia um acesso pela rua Grão Pará onde se podia entrar e sair a pé enxuto. Logo, o volume de água cresceu, impedindo também essa passagem.

Havia urgência em evacuar o hospital, visto que se estava na eminência da falta de luz e água potável, uma vez que os geradores, bombas de água, poços dos elevadores, situados no subsolo, estavam submersos pela água, vinda da rua. Sem energia elétrica e água potável, o colapso seria total se ainda houvesse pacientes nos quartos, no Centro de Tratamento Intensivo - CTIs e em outras dependências do hospital.

Diante da situação, os esforços dos funcionários/as, médicos/as se somaram e se multiplicaram para a transferência dos pacientes, incluindo bebês, através de macas ou cadeiras de rodas, levados até o local seguro, organizado no posto de gasolina, próximo ao hospital e colocados nos caminhões do exército e em várias ambulâncias. Os pacientes foram acompanhados por médicos, enfermagem, voluntários e militares, sendo acolhidos nos hospitais de Porto Alegre para continuarem seus tratamentos.

O sofrimento e tensão das pessoas eram visíveis, dada a insistência da chuva. A responsabilidade do cuidado da vida de cada paciente, dependia da agilidade, do direcionamento e da precisão da acomodação para não ferir ninguém e dar segurança, mesmo num transporte improvisado. Os profissionais de cada unidade e serviços foram incansáveis, tudo foi feito por mãos humanas e com o amor de corações solidários que só o Espírito do Ressuscitado pode transmitir às pessoas de boa vontade.

Transferidos todos os pacientes, chegava-se ao final da tarde de domingo dia 05 de maio. Constatava-se nos funcionários extremo cansaço, pelo trabalho prolongado, alguns chegaram a fazer até 48 horas de trabalho ininterrupto, ajudando a salvar vidas. O resultado de todo esse esforço foi gratificante, pois todos os doentes estavam realocados em outros hospitais recebendo os devidos cuidados. Nesta situação, não houve intercorrências, confusões, desentendimento entre os profissionais de forma que prejudicasse a ação de cuidar da vida das pessoas. Houve reuniões contínuas, ainda por muitas horas no domingo à noite, na definição da programação de estratégias a serem assumidas. Foram agendadas atividades para encaminhamento dos processos da retomada de serviços prioritários.

As irmãs residentes na Comunidade Mãe de Deus, foram acolhidas nas Comunidades Belém e Menino Deus, em Porto Alegre. O hospital foi fechado, restando apenas as equipes de segurança vigiando o patrimônio. Elas foram as últimas a deixar o local com sentimentos de abandono. O cenário de águas barrentas, jet-skis, helicópteros, lanchas e caminhões do exército sinalizavam vestígios de guerra ou de um tsunami. Restava-nos descer os dez andares pelas escadas, conduzidas por lanternas, acolhendo as orientações das autoridades públicas, dos nossos funcionários e das demais irmãs que temiam pelo isolamento desprovido do essencial.

Após três dias de uma realidade e cenários impactantes, as atividades estão sendo retomadas pouco a pouco. As Irmãs participam integralmente de reuniões, dando apoio aos funcionários, habituando-se ao “novo jeito” de viver este momento, esperando que as águas baixem, para retomar e reorganizar a missão na área da saúde.

Temos consciência de que fomos atingidas com danos materiais, por isso estamos solidárias a tantas pessoas e famílias que haviam construído suas vidas e repentinamente perderam seus entes queridos e seus bens.

Resta-nos a esperança que as águas baixem o mais rápido possível, para avaliar as perdas, reconstruir e retomar nossa missão na área da saúde. Preocupa-nos em poder honrar os compromissos com esta situação, visto que ficaremos sem receita por tempo indeterminado e, oxalá, não nos comprometa o atendimento filantrópico.

A fé, a esperança, a coragem e a oração nos dão a força para recomeçar e reconstruir. Neste momento de dor, o que nos consola é a caridade, a solidariedade e preces das irmãs de caminhada. Muitas pessoas foram resgatadas, muitas estão em abrigos seguros; outras machucadas, feridas e engolidas pela fúria das águas. Está sendo uma tragédia muito grande de proporções inimagináveis.

Caras irmãs, continuemos em sintonia e rezando umas pelas outras.

Abraço fraterno!

Irmãs que atuam na área da saúde da Província Maria Mãe dos Migrantes – PMMM,
Associação Educadora São Carlos - AESC – Porto Alegre, RS, 09 de maio de 2024.